VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO I—N.º 37—PREÇO: 1 ESCUDO
LISBOA, 29 DE JANEIRO DE 1942

O SR. DR. ARMINDO MONTEIRO, ilustre embaixador de Portugal em Londres, que tão notável actividade tem desenvolvido para o estreitamento das relações luso-britânicas, chegou há pouco a Lisboa onde foi fotografado para «Vida Mundial Ilustrada».
(Foto Jorge Garcia)

A GUERRA NA RÚSSIA

pelo tenente-coronel Lello Portella

QUANDO a Wehrmacht se lançou ao ataque do exército vermelho, imediatamente surgiu ao espírito de muitos a recordação da campanha de Napoleão na Rússia.

Nós mesmos, através de vários artigos, procurámos mostrar a influência que têm na estratégia não só as condições do terreno e clima onde se desenrolam as operações, como também a psicologia, a mentalidade e o carácter próprio dos combatentes.

Acreditámos sempre, e continuamos a crer, que o terreno, o clima e a moral são factores dominantes na conduta da guerra, e por isso não deixamos de aproximar e comparar a campanha actual da Rússia com a de 1812.

Também houve, no estrangeiro, quem tratasse o mesmo assunto, e tanto lá fora, como cá dentro, apareceu quem discordasse da comparação.

Assim se estabeleceram duas correntes de opinião em volta das quais muito se epilogou de maneira mais ou menos acertada.

Convém talvez resumir os termos essenciais das duas doutrinas para se poder ajuizar, no momento presente, do seu valor respectivo pela seqüência dos acontecimentos passados.

Desta forma poder-se-á concluir ou, pelo menos, esclarecer o espírito, sôbre as possibilidades futuras.

A) ELEMENTOS DE COMPARAÇÃO

a) Factores da guerra

A guerra está sempre subordinada a dois factores principais — o «espaço» e o «tempo».

O «espaço» é indispensável ao deslocamento das fôrças e permite o desenvolvimento da «manobra», enquanto que o «tempo» assegura a sua possibilidade fora da acção adversa, quer dizer: garante a «segurança» da sua execução.

A quem faltar espaço falta «liberdade de manobra» que se traduz geralmente em carência de «liberdade de acção».

A «velocidade» serve, portanto, a surpreender o adversário, tirando-lhe liberdade de acção.

É por esta razão que se procura dotar as fôrças armadas com elementos de combate «rápidos» e velozes que permitam ganhar tempo, e que sejam «poderosos de fogo» para conseguir o aniquilamento rápido do adversário.

Porque é preciso não esquecer que o objectivo final do combate é o «aniquilamento ou destruição da fôrça inimiga».

O ataque, a defesa, o fogo, o choque e a manobra são simplesmente elementos auxiliares da «acção final».

O estudo dêstes elementos e das condições do meio em que se vão desenvolver, bem como da maneira como serão dirigidos ou orientados dão-nos uma ordem de grandeza das possibilidades de acção e seus resultados.

Foi êste estudo que serviu de base e de ponto de apoio das duas doutrinas.

b) Tática russa

O III Reich preparou uma máquina de guerra «fulminante».

Pelo «poder de fogo» das suas fôrças aéreas e dos seus engenhos mecanizados, aliado à sua grande «velocidade» e «mobilidade», em todos os terrenos e espaços, conseguiu a Wehrmacht criar a verdadeira «guerra relâmpago».

Pela velocidade e potência de fogo reduziu ràpidamente a Polónia, a Holanda, Bélgica, França e Países Balcânicos.

Iria suceder o mesmo na Rússia?

Aqui surgiu a discordância.

Os alemães, e aquêles que seguiam a sua escola, afirmavam que a «velocidade» dos engenhos havia de dominar o «espaço» russo.

Os outros, diziam que o espaço russo havia de absorver a velocidade daqueles engenhos, porque em matéria de velocidade e de espaço tudo é relativo.

O espaço polaco, holandês, belga, francês e jugoslavo era pequeno para a velocidade dos meios da Wehrmacht, mas por sua vez a «velocidade» dêstes meios era pequena em relação à vastidão do espaço russo.

«Os nossos «tanks» que dominaram as planícies da Flandres e os desfiladeiros da Macedónia hão-de dominar também o espaço russo» — dizia, em Julho, a imprensa alemã.

A grande extensão da estepe russa e conseqüente dificuldade de comunicações, hão-de prejudicar a progressão; a atitude histórica do povo russo, a sua psicologia, o seu patriotismo, que o leva até à destruição total dos seus bens e das suas casas, para tirar ao inimigo os meios de vida, aliado à acção tradicional das guerrilhas, hão-de fustigar o adversário, até o consumir numa guerra de «desgaste».

A sua superioridade em potencial humano, que lhe garante reservas inesgotáveis, o seu elevado potencial económico e industrial, que lhe fornece constantes meios de vida e de combate, hão-de produzir na fase final da batalha o desequilíbrio de fôrças, indispensável à mudança de situação.

Assim argumentavam os outros, concluindo que a tradicional estratégia russa se baseou sempre nos elementos seguintes:

1.º **Abandono do espaço**, para ganhar tempo;
2.º **Fustigamento das retaguardas** para comprometer o aprovisionamento das fôrças;
3.º **Destruição** dos meios de vida nas zonas abandonadas;
4.º **Desgaste** das fôrças invasoras, levado a efeito sobretudo na época de inverno, para cuja campanha estão mais favoràvelmente adaptados;
5.º **Preparação** de novos exércitos durante êste período, para provocar o **desequilíbrio de fôrças**.

c) O comando

Eis as duas teses em presença.

Será talvez ainda cedo para tirar conclusões, pois a batalha continua, e do lado alemão surgem outros elementos que se referem à qualidade do «comando» e à «organização das fôrças».

Êstes novos elementos foram apresentados em Julho de 1941 pelo jornal «Deutsche Allgemeine Zeitung» da forma seguinte:

«Aos que pretendem estabelecer paralelismo entre 1812 e a campanha actual deve fazer-se notar que A. Hitler não é nenhum Napoleão (Kein Napoleon), que cavalgava, com um exército arranjado ao acaso, através das estepes russas, deixando-se acossar por bandos de «cossacos».

«Hitler é outra coisa muito diferente...

«A Alemanha triunfa nesta guerra porque tem em Adolfo Hitler o chefe militar que sabe comandar exércitos de milhões de homens da mesma maneira que outrora se julgava poder comandar pequenos exércitos fàcilmente móveis.»

O génio militar do Fuherer representa, de facto, um factor especial com que muitos não contavam.

Já o dr. Dietrich nos fêz esta revelação quando do início do ataque alemão contra Moscovo, em Outubro passado, cuja concepção atribue ao Fuherer, da maneira seguinte:

«Acima de tudo está o génio militar do Fuherer que é único no Mundo. Quando se fizer a história desta campanha o Mundo saberá que operações quási milagrosas foram inventadas pelo seu génio e que os seus exércitos as executaram inspirados no seu espírito.»

Isto vem talvez levantar um pouco o véu que cobre a demissão do marechal von Brauschitch e a tomada do comando directo pelo Fuherer.

Não teria o marechal sabido inspirar-se verdadeira e integralmente naquele espírito, e daí o insucesso da ofensiva?

Por enquanto parece-nos ser ainda cedo para se poder estabelecer o paralelo entre os génios militares do Fuherer e de Napoleão; a história em breve nos fixará a tal respeito.

Convém, contudo, indicar as críticas essenciais feitas a Napoleão.

A primeira de tôdas, e sôbre a qual parece haver unanimidade, é a de ter provocado a guerra, indevidamente.

Os conselheiros mais íntimos do Imperador dos franceses, empregaram os maiores esforços para o dissuadir de tal aventura.

Caulaincourt, antigo embaixador em S. Petersburgo, ainda chegou a fazer hesitar Napoleão.

Enviou-lhe o tenente-coronel de Pouthou, que havia servido no exército do czar e que conhecia bem os exércitos e a vida da Rússia.

Este, lealmente, disse tôda a verdade ao imperador. Segundo Marbot, os principais obstáculos apontados por de Pouthou eram: «a apatia e a falta de concurso das províncias lituanas submetidas há muito à Rússia; a resistência fanática dos moscovitas; a raridade de víveres e forragens; as regiões quási desertas que seria preciso atravessar; as estradas impraticáveis para a artilharia após uma chuva de algumas horas; mas apoiou essencialmente sôbre os rigores do inverno e a impossibilidade física de se fazer a guerra ao atingir-se a época das neves, que começavam a cair muitas vezes desde os princípios de Outubro. Enfim, como homem verdadeiramente corajoso, com risco de desagradar e de comprometer o seu futuro, o senhor de Pouthou permitiu-se lançar-se de joelhos ao pés do Imperador para lhe suplicar, em nome da felicidade da França e da sua própria glória, que não empreendesse esta perigosa expedição, da qual lhe predisse tôdas as calamidades.»

Igual atitude tomou o heróico e valente marechal Murat, em Smolensk, suplicando-lhe também de joelhos que desistisse da campanha.

O inimigo n.º 1 era a Inglaterra, e a campanha russa apresentava-se, aos diplomatas e militares do Imperador, como uma aventura catastrófica.

Napoleão, contudo, sentia-se diminuído e temia a perda do seu prestígio, em face do insucesso das suas tentativas de desembarque nas ilhas britânicas e dos revezes da campanha na Península Ibérica.

Napoleão invocava razões de ordem económica — a aplicação do bloqueio continental — para lançar a campanha, mas no fundo não acreditava que a guerra se viesse a efectivar.

Segundo o marechal Bertrand, Napoleão declarara-lhe em Santa Helena: «Nós éramos (Napoleão e Alexandre) como dois senhores de fôrça igual que se julgavá prestes a pegarem-se, mas que, não tendo nenhuma vontade nem um nem outro, ameaçavam-se com o olhar e com a espada, avançando a pequenos passos. Cada qual na esperança de que o seu adversário receasse, com receio de terçar a espada.»

São conhecidas as tentativas várias feitas por Napoleão, durante a campanha, para obter a paz, e a recusa terminando do czar em aceder a uma paz de compromisso.

Ao relermos estas páginas da história, na época presente, não podemos deixar de pensar no grande amigo e colaborador do Fuherer, Rudolfo Hess, que tantos esforços fêz para evitar a actual campanha da Rússia.

Outra crítica severa a Napoleão consistia na dificuldade que êste tinha em dirigir simultâneamente a campanha e todos os negócios políticos, diplomáticos e administrativos do Império.

A natureza própria do regime exigia a concentração de todos os poderes na pessoa do Imperador.

A maior parte do seu tempo era dispendida a despachar os assuntos dos países ocupados, da campanha espanhola e da política interna.

Todos os historiadores civis e militares são unânimes em considerar que Napoleão deveria ter nomeado um comando directo e responsável da frente russa, e a maior parte inclina-se para julgar que Davoutte era o homem indicado.

Berthier conta que, uma noite, em Vitilsk, o imperador estava de tal forma fatigado que não pôde assinar a correspondência destinada à França e que devia partir naquela mesma noite. A correspondência foi assinada por Caulaincourt e Daru, que justificaram, por carta anexa, o motivo de tal assinatura.

Esta dispersão de esforços e de actividades, por parte do comandante em chefe, é considerada coom uma das fraquezas da conduta das operações na Rússia.

Parece que o Fuherer não é da mesma opinião, pois acaba de suprimir o comando directo e responsável de von Brauschitch para o assumir êle próprio.

A história nos dirá de futuro se a medida foi acertada.

Expostos assim os elementos principais referentes ao comando, analisemos agora o novo elemento — da composição das fôrças armadas.

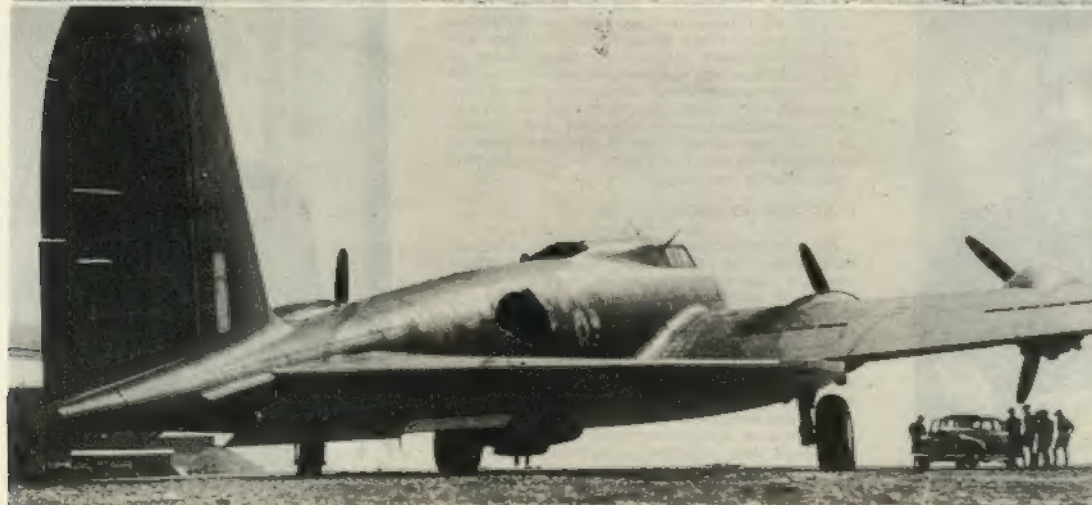
d) Organização das fôrças

Os exércitos com que Napoleão passou o Niemen compreendiam um total de 400.000 homens, segundo Thiers.

(Continua na pág. 14)

a Ofensiva do General Auchinleck

O 8.º EXÉRCITO BRITÂNICO, no prosseguimento da sua ofensiva lançada da fronteira do Egipto, limpou tôda a Cirenaica dos elementos inimigos e atingiu, tal como o haviam feito as tropas de Wavell, a região de Jedábia — El Agheila. Nesta página apresentamos algumas fotos recentes da campanha. De cima para baixo: Os comandantes de dois «tanks» britânicos desejam-se mutuamente boa caça antes do assalto a uma posição inimiga. — Um «tank» pesado inglês aproxima-se dum «tank» alemão incendiado. — Uma «fortaleza voadora» ao serviço do Exército do Nilo.

(Foto «Britanova»)

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo IV - Intermédio nórdico

3

A PERTURBAÇÃO NOS PAISES OCIDENTAIS

A cortina de fumo finlandesa obscurece todo o primeiro trimestre de 1940. Os aliados ocidentais, perturbados pela sua aparição, não realizam uma política externa coerente, nem uma política de armamentos activa. A fraternidade de armas anglo-francesa, que se traduz pela cooperação dos exércitos dos dois países em França, onde se encontra um corpo expedicionário britânico de cêrca de trezentos e cinqüenta mil homens e no Próximo Oriente, não se estende aos meios políticos e aos círculos dirigentes dos dois países onde as rivalidades de pessoas e as divergências de critério quanto à condução da guerra continuam a encher o ambiente.

Em Londres, no seio do partido conservador, que tem na Câmara dos Comuns uma expressiva maioria alcançada nas últimas eleições em tempo de paz, o grupo Churchill-Eden-Duff Cooper, embora ocupando lugares de destaque no gabinete, continua a adoptar a causa duma orientação definida e duma acção concreta no terreno político, no campo económico e no plano militar. A falta dos trabalhistas no gabinete de guerra é sensível e condiciona o esfôrço da produção que se exige do país. Em França, o grupo Reynaud-Mandel-Campinchi, também representado no govêrno, mantém os seus pontos de vista sôbre a necessidade e a urgência de intensificar a produção, apertar as alianças com alguns países estrangeiros e adoptar um plano ofensivo capaz de fazer sair a guerra do marasmo em que, por iniciativa do adversário, ela mergulhava.

ANDRÉ MAGINOT, o homem que deu o nome à famosa linha fortificada francesa

Paul Reynaud, quando em 1940 ascendeu à Presidência do Conselho

Fundamentalmente, e já quando o canhão troa, é a velha querela entre muniquenses e antimuniquenses, entre partidários da resistência a todo o transe e partidários da transigência e da negociação. A esta divergência essencial vem juntar-se a questão delicada das irredutibilidades pessoais. Churchill e Chamberlain são incompatíveis e a máscara de cortezia que obriga as suas relações não disfarça o fundo das incompatibilidades que a divide. Reynaud detesta Daladier e, dados os hábitos políticos em voga no seu país, a oposição dos seus temperamentos é tão patente como a oposição das suas ideias. Mas enquanto na Grã-Bretanha a vontade firme de sobreviver domina tôdas as outras considerações, em França não faltam os sinais patentes de que a hora da provação bem pode coincidir com a hora da renúncia.

A ATITUDE DO REICH

Aos alemães bastaria ler os jornais dos seus adversários para saberem que êstes os não atacariam, em circunstância nenhuma, enquanto as alavancas do poder, em Londres e em Paris, continuassem a estar nas mãos inertes de Neville Chamberlain e de Eduardo Daladier. Assim a sua mobilização geral não se traduziu pela tensão nervosa que colou ao solo durante mais dum semestre, na ansiedade dum assalto decisivo, os combatentes franceses e britânicos. Enquanto os soldados alemães repousavam em campos de jogos e de adestramento e as fábricas e oficinas do Reich trabalhavam a pleno rendimento, produzindo, incessantemente, canhões e metralhadoras, «tanks» e aviões, os seus camaradas franceses e inglêses, abrigados por uma linha fortificada que constituia a admiração dos primeiros e o espanto dos segundos, gastavam as suas melhores energias na espera dos perigos hipotéticos. Quando êstes se transformaram em realidades, o seu moral, primeira condição da vitória, estava quebrado, alquebrada a sua resistência física, e as suas armas, em número bem mais pequeno do que aquelas de que o adversário dispunha, tinham-se tornado inúteis. À hora da mobilização, que fôra a hora do movimento e do sacrifício voluntário, sucedera um período de inacção que se prolongava no meio de episódios que os combatentes não entendiam. A R. A. F., que ensaiava os seus primeiros vôos de envergadura, inundava de folhetos de propaganda o território do Reich. Os alto-falantes enchiam com os seus ecos, transmitindo informações, espalhando boatos ou simplesmente contando pilhérias, a zona das operações onde apenas o ruido das armas se deveria ouvir.

Enquanto do lado alemão essa atitude era medilada e obedecia a um plano maduramente preparado e posto em prática pelos seus dirigentes políticos e pelos seus órgãos de propaganda, do lado francês era o prólogo duma abdicação que a prova suprema das armas tornaria inevitável. A França criara a mística da sua linha fortificada de defesa. Era a única barreira, aparentemente formidável mas bem frágil na realidade, que a separava do desânimo. No dia em que essa barreira aluiu provou-se que ela não podia substituir a barreira heróica dos combatentes do Marne.

UM VATICÍNIO SÔBRE A FRANÇA

Dez anos antes um homem de Estado, que conhecia em grande a política europeia, o ministro jugo-eslavo Milan Stoyadinovich, cujas tendências germanófilas só mais tarde se revelaram, dizia numa roda de diplomatas: «Começo agora a descrer da França». Como lhe preguntassem as razões da sua descrença inesperada, numa altura em que a política externa francesa parecia predominante, Stoyadinovich explicou:

— A França continua a fazer, nas chancelarias,

OLIVER STANLEY

a política duma grande potência. Mas iniciando a construção da linha Maginot definiu com suficiente clareza a sua política militar. Deseja enclausurar-se no seu próprio território. Remete-se a uma atitude de defesa sistemática que não tardará a ser uma atitude de defesa passiva e, finalmente, de recuo perante o seu poderoso vizinho de Leste. Embora não tenha a franqueza de o proclamar, é duma abdicação que se trata.

Quando no parlamento e na imprensa de Paris eram acusados de traidores os homens que se recusavam a votar os créditos gigantescos para a sua construção (é certo que alguns dêles o fizeram por um sentimento incompreensível de pacifismo), um político estrangeiro apreciava, com uma precisão desoladora mas realista, os estragos que nas concepções do seu Estado Maior e no moral da sua população, a França havia de sofrer em virtude da construção da linha Maginot.

A esquadra dos couraçados terrestres, como costumavam dizer metafòricamente e sem se aperceberem do êrro fundamental do paralelo, os chefes de fila do nacionalismo francês, não se limitou a afastar da ofensiva o espírito da França. Criou entre o sentimento colectivo e a ideia duma ofensiva vigorosa, o divórcio que mais tarde havia de traduzir-se pela derrota. Em 1914, generosamente, o mundo solidarizara-se com a França para a salvar. Em 1940, esperava dela a salvação. A tarefa era superior às fôrças da nação. Mais grave do que isso: era incompatível com o ambiente sentimental criado pela resistência duma muralha que os mais competentes consideravam intransponível e só os mais ousados olhavam com inquietação pressentindo que não estava ali o fulcro duma batalha vitoriosa mas sim o túmulo duma guerra perdida inglòriamente.

A CONSTRUÇÃO DA LINHA MAGINOT

A ideia de abandonar a Europa Central e Oriental à sua sorte não surgiu no dia em que um representante da França, o sr. Daladier, assinou o pacto de Munich. Começou a germinar oito anos antes, quando dois políticos de tendências opostas, o combatente André Maginot, nacionalista da extrema direita, e o matemático Paul Painlevé, radical da extrema esquerda, conceberam e começaram a pôr em prática o projecto de construção da linha Maginot. Esta era considerada pelos peritos mais exigentes como a última palavra de engenharia de guerra. Gares subterrâneas, centrais eléctricas, tôrres dirigidas por aparelhos telefónicos, tôda a complicada relojoaria dum instrumento defensivo perfeito.

A França, quando ouvia descrever, pormenorizadamente, os prodígios técnicos realizados com a sua construção, julgava-se invulnerável. Os discursos alarmados de alguns dos seus homens de Estado mais conhecedores dos prodigiosos preparativo bélicos que o Reich realizara, sobretudo desde que o partido nacional-socialista se instalara no poder (Janeiro de 1933), não bastavam para tirar à nação a tranqüilidade artificial que, como um estupefaciente de alto poder, lhe fôra ministrada pelos teóricos da defensiva e pelos corifeus do isolamento.

A abstenção alemã, praticada cautelosamente durante o período que se seguiu à derrota da Polónia, e com particular cuidado nos três primeiros meses de 1940, arreigou no espírito do povo francês a convicção de que era a invulnerabilidade da sua linha defensiva de leste que detinha o inimigo perante os riscos dum assalto. À medida que o tempo decorria a vigilância ia perdendo muito do seu ímpeto inicial e uma euforia prematura e injustificada ia enchendo as almas receosas. Em sua casa, os franceses consideravam-se invencíveis.

Que dizer do alto comando e das esferas militares? O general Gamelin, generalíssimo e chefe do Estado Maior, desejava como Foch poupar o sangue dos seus soldados. Mas a Foch êsse pensamento só aparecera depois de ter bem seguro na mão uma vitória duramente alcançada. A Gamelin, pelo contrário, impusera-se, antes mesmo de iniciar a luta, a ideia de que a reserva bastaria para desgastar o adversário, reduzindo-o e obrigando-o a render-se. Um serviço de informação deficiente completava o quadro de ilusões e de dúvidas em que girava a actividade do comando francês no companhia confiada da quási totalidade da população da França.

O CAUDAL DOS DISCURSOS

Os primeiros dias do ano de 1940 foram consumidos em discursos. Discursos de Daladier e de Chamberlain, em Paris e em Londres, discursos do chanceler Hitler e do ministro da propaganda, dr. Goebbels, em Berlim. Em todos se prometia a vitória. Em todos se afirmava o propósito de prosseguir a luta. «Agora, dizia o ministro da propaganda do Reich, tudo se esclareceu entre nós e os nossos inimigos. Os alemães sabem com o que devem contar. É por isso mesmo que a nação alemã se encontra sob o império duma decisão fanática. Não são de admitir paralelos com a última conflagração. Hoje a Alemanha está preparada, economicamente, polìticamente, militarmente e moralmente para fazer face aos ataques dos seus adversários qualquer que seja a extensão e o vigor dêsses ataques».

O general Gamelin com Daladier

E o chanceler do Reich lançava, no limiar do ano novo, o pregão da nova ordem europeia realizada pelo ferro e pelo fogo: «Nós não lutamos apenas contra as injustiças de Versailles. Queremos impedir que elas sejam, um dia, substituídas por outras injustiças maiores. Lutamos por uma Europa nova que não pode ser criada pelas fôrças senis dum mundo decadente. A reorganização da Europa só deve ser confiada aos povos que, pela sua atitude e pelas suas realizações, se consideram jovens e produtivos».

Pela primeira vez, desde que ocupava o seu alto cargo no Almirantado, Winston Churchill falava pùblicamente da situação política para caracterizar e lamentar a posição dos neutros: «No mar e na terra, êles são, indistintamente, objecto do desprêzo de Hitler. Cada um dêles pregunta a si próprio se estará designado como primeira vítima. Que aconteceria se todos êsses países se erguessem e se unissem para cumprir o seu dever, juntando as fôrças e os recursos de que dispõem ao poderio do Império britânico e da nação francesa? De momento o seu destino é lamentável; pode àmanhã tornar-se pior. Cada um pensa talvez que alimentar o inimigo é a melhor maneira de evitar o seu ataque. Ilusão. O temporal não amainará. Será cada vez mais violento e ruidoso. Estender-se-á ao sul e ao norte. Só havia um processo eficaz de o deter: realizar um acção comum. Não é para isso que a Europa, neste momento, caminha».

A COLABORAÇÃO FRANCO-BRITÂNICA

Winston Churchill, em Londres, Paul Reynaud, em Paris, continuavam a preconizar uma acção vigorosa e imediata, tendente a levar os povos indecisos a tomarem partido. A primeira condição para que os outros se decidissem era dar o exemplo da própria decisão. Por isso, embora não tivessem a direcção da política externa e da política militar nos seus países, aqueles dois homens de Estado preconizavam a constituição dum Supremo Conselho de Guerra inter-aliado que, durante o primeiro trimestre de 1940, realizou várias reüniões alternadamente em território francês e em território britânico.

A colaboração franco-britânica estava, porém, longe de poder considerar-se perfeita. Numerosos obstáculos, de ordem interna, uns, outros de ordem externa, opunham-se a que o entendimento completo entre os governos de Paris e de Londres se realizasse. A recordação de Munich e a querela, constantemente renovada, entre muniquenses e anti-muniquenses, entre apaziguadores e belicistas eram um motivo permanente de incompreensão entre os dirigentes dos dois países e entre largas camadas da sua população.

A ausência dum perigo imediato, a falta duma guerra vivida e sentida pelos dois povos em estreita comunhão com os seus chefes, agravava os mal entendidos que estavam na origem da sua comunidade de esforços e de pensamentos. Nos meios intelectuais franceses havia quem continuasse a glosar o tema, posto a circular pela propaganda do inimigo, de que a Inglaterra saberia bater-se até o último francês. Recordavam-se as divergências registadas no decurso da história, de Joana de Arc a Napoleão, de preferência a fazer realçar a causa comum por que as duas nações se batiam, a sua importância decisiva e o seu alcance.

«Os nazis, exclamava num dos seus discursos o chefe do govêrno francês, Daladier, travam contra nós uma batalha moral para nos dominarem. Julgam que vão ganhar essa batalha e estão presos a perdê-la. Ficará depois o poder material da Alemanha. Êsse poder é gigantesco e seria vão tentar diminuir a sua importância. Para o combater precisamos agrupar todos os nossos recursos e tôdas as nossas energias». A batalha moral de que falava Daladier estava a ser perdida, dia a dia, desde que o ano de 1940 começara.

O GABINETE REYNAUD

Entretanto, nos dois países, a reacção contra o estado de coisas dominante traduzia-se por crises ministeriais, mais ou menos extensas. Em Londres, o ministro da guerra, Hore Belisha, acusado de erros de ofício graves, era substituído pelo seu colega Oliver Stanley, que sobraçava a pasta do comércio. A substituïção foi feita em obediência à dosagem dos grupos representados na maioria que apoiava o ministério Chamberlain. O mal era profundo demais para poder debelar-se com paliativos.

Em França, a crise tomou proporções mais vastas. A ausência das nações ocidentais em prestarem à Finlândia um auxílio eficaz foi objecto dum debate, em sessão secreta, de que o govêrno saiu vitorioso. Mas em 20 de Março a questão voltou a ser tratada em sessão pública. Os finlandeses tinham aceitado as condições de paz que a U. R. S. S. apresentara e êsse facto provocou um sentimento geral de mal-estar. O chefe do govêrno, Daladier, pôs a questão de confiança. Votaram a favor do gabinete 239 deputados, um votou contra e houve 300 abstenções. A votação era significativa. Daladier, interpretando-a no seu verdadeiro significado, apresentou ao presidente da República o pedido de demissão colectiva do gabinete.

Quem havia de lhe suceder? O sucessor estava naturalmente designado. Paul Reynaud constituiu ràpidamente um elenco ministerial em que agrupava, ao lado dos representantes dos principais agrupamentos com representação parlamentar, alguns técnicos de reconhecida competência. Sob o ponto de vista político, a inovação que o gabinete Reynaud trazia era o regresso dos socialistas ao poder.

Dois dos mais dedicados amigos do chefe do grupo S. F. I. O., Leon Blun, os socialistas Monnet e Serol, ocupavam cargos importantes de administração e de direcção política. Os agrupamentos da direita e os radicais-socialistas tinham uma representação numerosa no novo govêrno, que incluia 22 ministros e 12 subsecretários de Estado.

Aos radicais-socialistas cabia a vice-presidência do Conselho, confiada a Camille Chautemps. Dois técnicos de categoria, Thellier, na agricultura, e Dautry, nos armamentos, davam a nota duma colaboração activa das competências especializadas. Daladier ficara com a pasta da Defesa Nacional incluindo os assuntos do exército, e Paul Reynaud assumia a direcção da política externa da França.

O seu primeiro acto foi fazer uma viagem a Londres para reafirmar a solidariedade franco-britânica. Dessa viagem resultou a declaração comum de 28 de Março de 1940, concebida nos seguintes termos: «Os governos da França e da Grã-Bretanha comprometem-se a não negociar nem concluir qualquer armistício ou paz separada, durante a presente guerra, sem ser de comum acôrdo. Comprometem-se mais a não discutir os termos da paz futura senão depois de se entenderem quanto às condições necessárias para lhes garantir, de maneira efectiva e duradoura, a segurança das suas fronteiras. Mais se comprometem, uma vez restabelecida a paz, a manter uma comunidade de acção por tanto tempo quanto fôr considerado necessário para a reconstrução, com o auxílio de outras nações, duma ordem internacional baseada no respeito da liberdade dos povos e dos seus direitos».

Precedendo esta declaração comum registaram-se, no plano diplomático, dois acontecimentos que, pelas suas conseqüências imediatas e pelas suas repercussões distantes, estavam destinados a mudar, por completo, a face da guerra.

O subsecretário de Estado norte-americano para os Negócios Estrangeiros, Sumner Welles, foi enviado à Europa a fim de realizar nos países beligerantes e em alguns países neutros uma viagem de inspecção. Esteve nas capitais dos aliados ocidentais e do Reich, passou pela capital italiana, demorou-se na cidade do Vaticano e não esqueceu outras cidades destinadas a desempenhar um papel de relêvo na marcha dos acontecimentos. A viagem de inspecção de Sumner Welles está na origem do intervencionismo crescente dos Estados Unidos que, dois anos depois, havia de liquidar-se com a intervenção armada dos norte-americanos no conflito.

Em 18 de Março, precedendo de dois meses a crise capital do govêrno francês, Hitler e Mussolini encontraram-se no Brenner e, na companhia de alguns dos seus conselheiros mais escutados, ocuparam-se detidamente da evolução do conflito e das perspectivas de futuro. Tudo indica que foi durante êsse histórico encontro que, revelados os planos mútuos de acção, se assentou o princípio da colaboração activa da Itália e das compensações que essa colaboração necessàriamente devia acarretar.

(Continua)

VOLFRÂMIO!

A laboração duma grande mina portuguesa

por Ester Côrte Real

VOLFRAMIO... O ouro negro!... Repararam como êste nome surge a cada passo, misterioso e evocador, seja em anúncios discretos de jornais, de trás de fortunas loucamente dispersas, ou ainda móbil oculto de inexplicados dramas? E como desde logo nos empolga uma curiosidade febril de saber, de conhecer minuciosamente quanto diz respeito a êsse feiticeiro doador de riquezas inesperadas? Mas é preciso não o ver sòmente pelo prisma boémio e aventureiro que que o torna indesejável...

O volfrâmio, tal como um apagado burguês que, de repente, se tornasse herói de um escândalo barulhento e inverosímil, tem tido vida laboriosa e útil à margem dêstes desvarios. E é essa vida que tentaremos desvendar um pouco à curiosidade dos nossos leitores.

Nem só nos campos de batalha e nas cidades sitiadas, se nos deparam surpresas dolorosas, mercê desta guerra alucinante que ameaça envolver o mundo no seu trágico abraço de metralha. Longe ainda, nos burgos ignorados, seu vírus conspurca, entontece, desmoraliza. Surge, a par das indústrias legais, honestas, metodizadas, um desenfreado turbilhão de ambições violentas, de comércios equívocos, de confusos negócios, condenados a desaparecer com o bárbaro flagelo que os gerou. E é disto um exemplo frisante o conflito que se está desenrolando em volta dêste minério — conflito onde há episódios dum cómico burlesco e sombrias manchas de tragédia.

O volfrâmio, em cuja composição entram o ferro, o manganez e o tunguesténio, é utilizado, depois de sofrer uma operação que o liberta dos seus dois primeiros componentes, no endurecimento dos aços e filamentos das lâmpadas, sendo em qualquer destas duas aplicações, duma grande vantagem económica, pois, segundo afirma um industrial norte-americano, a substituïção nas lâmpadas do carvão pelo tunguesténio poupa em energia eléctrica, só nos Estados Unidos, 240 milhões de dólares por ano. Na indústria dos aços, é usado para fazer uma liga que, endurecendo êste metal, lhe dá a propriedade de conservar a sua têmpera, mesmo a elevadíssimas temperaturas. E, para o cortar, usa-se uma liga especial, também de tunguesténio, quási tão dura como o diamante.

Actualmente, o seu necessário aproveitamento nos instrumentos de guerra, visto que os aços-tunguesténio não são utilizados só para o fabrico de equipamentos militares e navais, mas também para muitas outras peças de combate, tem-no guindado às mais altas especulações. O produto que ainda ontem se cotava a seis escudos, atinge hoje preços fabulosos, que são de molde a excitar a cobiça a inúmeras criaturas.

O volfrâmio não se encontra apenas nas profundezas da terra, mas freqüentemente em afloramentos de fácil exploração. E talvez por isso se lançam a procurá-lo populações inteiras, no engôdo do lucro rápido e desmedido, quebrando assim o ritmo de um trabalho ordenado, perturbando a vida social e económica, num completo alheamento de afeições e deveres.

Usando de processos primitivos, o minério é extraído e separado de qualquer maneira, para ser vendido, acto contínuo, ao seu preço exorbitante. As mulheres, e é êsse um dos aspectos mais desoladores da questão, abandonam os filhos e a tranqüilidade dos lares, endurecidos os corações ante as boquitas sequiosas que em vão lhes mendigam o seio. E, de sol a sol, sujas, descompostas, chapinhando na lama, lavam o minério, sôfregas de comparticipar no negócio lucrativo. É ver o cortejo que de manhã à noite se agita esbaforido e ruidoso, insensível ao chôro dos pequeninos que se estiolam à míngua de cuidados e da ternura que a ganância gelou no peito maternal.

Quem se importa com a terra amiga que floresce em pão, quando a rocha dá, com seu filão enegrecido, o dinheiro que embriaga e que é atirado fora numa inconsciência de loucura?

Não é raro ver-se o garoto esfarrapado puxar uma nota de quinhentos escudos, para pagar gulodices baratas! E o povo que trabalha na paz bíblica dos campos, lavrando a terra, entre risos e descantes, agora que se lhe enroscou na alma a víbora da ambição desmesurada, torna-se odiento, egoísta, feroz... O que valem os filhos, os gados, a lavoura? Dinheiro é que é preciso! Para o dar nas feiras aos fornecedores espertos, que lhes adulam as vaidades...

— Quero êsse cabrito... O quê?... Já está comprado?... Quarenta escudos?... Não faz mal; dou cem, e é para mim.

E ela — que trocou a sua típica saia rodada pela banal travadinha — parando estática em frente de um guarda-vestidos novinho, encerado, com o seu grande espelho a fascinar-lhe os olhos:

— Quanto custa? Quero isto lá p'ra casa, p'rá gente se ver... Vou pô-lo num canto da varanda.

— Isto é p'ró quarto, mulher, para guardar a roupa... — segreda-lhe êle, aflito.

— Ora deixa-te disso! — torna-lhe, imperiosa. — P'ra guardar roupa, compra-se outro...

E assim se lhes escoa do bolso — pobres aturdidos — o dinheiro granjeado à custa de tantos prejuízos.

O que serão àmanhã essas crianças que a vertigem do outro perverteu? O que farão êsses homens, ao terem que voltar à doce humildade do seu trabalho antigo? Como regressarão êles aos hábitos simples, agora que, esquecidos já dos velhos copitos da «rija», que saboreavam felizes, se divertem estoirando garrafas de cerveja, ou mesmo de «champagne», num grosseiro alarde de riqueza?

Todavia, a par dêste descalabro que confrange, há, pelas serras dêsse Portugal fora, em muitas regiões onde o volfrâmio abunda, emprêsas constituídas sem o fito da oportunidade, onde é belo de ver a luta do homem — violenta e heróica, luta de músculos e de cérebro.

Foi neste aprazível fim de Outono, quando a montanha se começa velando de névoas, e se diluem em seus poentes magoados aquelas suavíssimas tintas que só o outono possue, que eu tive ensejo de ver, de perto, uma dessas activas colmeias em que o homem, rastejando às vezes como toupeira, vive a epopeia de audácia e destemor que é a faina áspera do mineiro.

É na Beira Baixa, a poucas léguas do Fundão, no sítio da Panasqueira, que existe a mina mais importante, considerada hoje a primeira do mundo em produção de volfrâmio e estanho — conjunto formidável de trabalho de lavra e lavarias, com tôdas as instalações próprias duma grande organização da indústria moderna.

O homem vive a epopeia de audácia e destemor...

Um aspecto das instalações das minas da Panasqueira

Da Panasqueira à Barroca Grande, Rio e Cabeço do Pião, com alguns quilómetros medeando entre si, estão edificadas as instalações da mina que veio dar, com a sua iniciativa, bem estar e abundância ao povo da região.

Rudes montanheses, engolfados talvez há séculos numa vida primitiva, aceitaram deslumbrados tôdas as benesses que a civilização lhes trazia. Foi em 1895. A montanha dormia ignorada. Uns pobres carvoeiros, querendo fraudulentamente aumentar o pêso da mercadoria, tinham por hábito misturar-lhe algumas pedras daquela substância pesada e escura, cujo valor desconheciam. Alguém, entendido, melas atentou por certo, pois não tardou que técnicos e capitalistas inglêses, de mãos dadas com ilustres compatriotas nossos, aqui se estabelecessem.

E desde então, de tentativa em tentativa, aperfeiçoando sempre e sempre, porfiando em melhorar e introduzir-lhe os últimos processos científicos, a mina trabalha e é para essa gente a ganha-pão, a amiga, a protectora... Nos campos áridos, feitos de rocha bruta, limitada e triste lhes decorria a vida. Enfrentaram pois a procura do filão com entusiasmo. Em breve urgiram novos recrutamentos; e de tôda a parte acorreram operários, desde o Alentejo e o Minho risonho ao formoso torrão algarvio.

Noite e dia se revesam as equipas. E a êste volfrâmio que se impôs à nossa atenção, numa «scie» enervante de corrupção e desgraça, agrada vê-lo por um prisma de labor honesto e são, cujo lucro, em vez de sumir-se em censuráveis excessos, é benefício de tantos lares, onde, outrora, minguava o pão.

Quem tomar a camioneta que faz a carreira do Fundão às Minas da Panasqueira vê, após duas horas duma paisagem grandiosa, feita de montes e ravinas galgando a rocha, contornando abismos, surgir, na larga clareira que a montanha limita, um grupo de casas graciosas, quási tôdas com seus alpendres e jardins. É o ponto principal de habitações, onde, além das casas do director e de alguns empregados, se ergue um magnífico bairro operário e a cantina e a escola para os filhos dos mineiros; e onde breve começará funcionando um hospital, construído com todos os modernos requisitos de confôrto e higiene. Poucos quilómetros distante, fica outra povoação idêntica — Barroca Grande — de onde se avistam a do Rio e a do Cabeço do Pião.

Lá em baixo, o Zêzere serpenteia; esboça-se a neblina, que ora se esfarrapa, criando aladas figuras, ora alastra, submergindo os montes de que apenas assomam as cristas negrejantes — ilhas de sombra em pélago de opalas.

Estamos num dos contrafortes da Serra da Estrêla; breve o inverno começará toucando de arminhos os cumes solitários... Só a montanha freme, estua de actividade intensa, palpitante!... Junto dela a Central de fôrça motriz, sob a vigilância constante de mecânicos habilíssimos, para que jámais enfraqueça a sua pulsação gigantesca. Enormes compressores totalizando para cima de mil cavalos, fornecem milhares de pés cúbicos de ar comprido, que vai até ao interior da terra, primeiro em tubos de doze polegadas, depois estreitando o diâmetro, à medida que se entra na mina. São êles os condutores de energia vital, que fazem trabalhar os martelos potentíssimos e de complicado mecanismo, que diàriamente perfuram centenas de metros de rocha, e os «aventurys» — espécie de ventiladores que expulsam para o exterior o ar viciado pela combustão dos pequenos gasómetros de acetilene com que os mineiros se iluminam.

A galeria geral, onde se cruzam uma porção de vagons em trânsito constante, é alta e larga, podendo caminhar-se bem um quilómetro no mesmo nível, sem nos lembrar que sôbre nós vai pesando cada vez mais a montanha. Aos lados da galeria ficam as passagens centrais dos desmontes, ao longo das quais se elevam, geométricas, as chaminés de extracção. Estas passagens mais baixas e inclinadas que nos obrigam a caminhar curvados, conduzem às frentes dos desmontes. É aí, em contacto com o filão, que mais se intensifica o esfôrço de lavra. O marteleiro fere a rocha com os martelos perfuradores, abrindo furos onde se alojam os explosivos; depois outros operários procedem ao carregamento do fogo; e um quarto de hora passado, para deixar sair todo o outro pessoal, êsses homens valorosos começam «picando a mecha», isto é, lançando-lhe fogo a uma e uma, sem precipitação, serenamente...

E enquanto lá ao fundo se despedaça a rocha num infernal estampido, vibrando sacudida pela explosão violenta, êles, sem pressa, imperturbáveis, vão acendendo as derradeiras.

Extingue-se o último rugido da montanha ferida; turbilhonam, rolando, enormes pedregulhos, onde o filão avulta com seu brilho estranho; fica a escuridão, intensa e movediça, a chama minúscula dos gasómetros. Faz-se um cavo silêncio, que só é cortado pelo ruído monótono dos vagons deslisando: — aguarda-se que nas frentes de ataque se desvaneça o fumo.

Saem todos, finalmente. Revistam-nos. Que a tentação é forte, e alguns não resistem a levar consigo uns pedacitos de minério. Mas os guardas sabem-lhes os «trucs» — «trucs» ingénuos afinal: dentro das botas, no fôrro do casaco, escondido nos gasómetros ou nos molhitos de lenha que levam para a lareira...

Revesam-se os turnos; limpam-se as frentes; constroem-se as paredes prolongando as passagens; seleccionam-se os produtos acabados de arrancar e que são levados em vagons de madeira às «torbas» — as chaminés de extracção — para estas mais tarde, por uma porta que têm aberta ao fundo, o projectarem, deslisando, sôbre uma pequena rampa, noutros vagons que em baixo o esperam, alinhados, e o transportam ao exterior.

Entretanto, os escombradores de pico e ponteirola, isto é os operários encarregados da reconstrução das frentes e que têm por missão destruir tudo quanto ameace desabamento, e os entivadores, destinados a reforçar com vigorosos troncos os pontos que não estejam seguros, percorrem tudo sob a vigilância dos capatazes, que de vez em quando batem na rocha com um pequeno instrumento semelhante a uma picareta — símbolo hierárquico do logar que ocupam — afeitos a conhecer pelo timbre da pancada, se os tetos oferecem perigo.

Além é colocado mais um lanço de carris ou mais um tubo de água ou de ar comprimido, porque êstes e os carris têm de acompanhar sempre o avanço ininterrupto das frentes.

Já no exterior se procede a uma última escolha do «tout venant», trazido da galeria de rolagem, e os produtos seguem por um cabo aéreo, até a lavaria.

Aí sofrem, além de revistas mais uma vez, uma série de operações de não somenos importância, tôdas com o fim de levar tão longe quanto possível a concentração e selecção do minério, consoante o exigem as condições de venda. Uma das mais delicadas é a da flutuação, que consiste em provocar a formação de pequenas bolhas que arrastam consigo as partículas mais leves.

A fase final é a da separação electro-magnética, a seguir à qual, encerrado em sacos, está pronto a, correndo longes terras, cumprir a sua missão, mixto de bem e mal, na eterna imperfeição das coisas, produzindo, a par dos danos que às vezes provoca, vantagens tão grandes que o redimem.

Não amaldiçoemos, pois, o filão que é esteio de tantas indústrias e o solícito e fiel amparo dos que, afanando-se no diário e metódico labor, sabem desviar-se da tentação criminosa da desvairada riqueza.

OS NOVOS CORPOS GERENTES da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro que tomaram posse recentemente dos seus cargos com os assistentes ao acto.

A RECITADORA SR.ª D. ALICE OEIRAS durante o banquete de homenagem que lhe foi oferecido recentemente na Cooperativa Militar.

O PINTOR FRANCÊS DRIES no acto inaugural da sua exposição no S. P. N.

Acontecimentos da SEMANA

O PROFESSOR FRANCÊS FRÉCHET, da Sorbonne, realizando, na Faculdade de Ciências, a primeira das conferências sôbre matemática que veio fazer a Portugal.

O MINISTRO DOS ESTADOS UNIDOS na Hungria, Sr. Clayborne Pell, na sua chegada a Lisboa com sua espôsa.

SENHORAS DAS FAMÍLIAS dos diplomatas norte-americanos que prestavam serviço na Hungria e agora regressaram ao seu país, via Lisboa.

UM GRUPO DE BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DA AJUDA fazendo exercícios com as novas máscaras para gazes e fumo.

Comemoraram-se, no passado dia 22, as Bodas de Prata da Fábrica Lusitana de Tintas e Vernizes, Limitada, fabricantes das tintas «ATLANTIC», marca acreditadíssima no nosso País. Depois de uma visita às suas modelares instalações em Benfica, de uma romagem ao túmulo do seu fundador, Sr. Josué Martins e duma pequena festa nos escritórios da Séde, realizou-se, no «Imperium» um jantar de confraternização entre patrões, operários e empregados, durante o qual se deu largas à mais íntima alegria e se salientou o espírito de verdadeira camaradagem e de sincera compreensão entre dirigentes e dirigidos daquela importante firma. É dêsse banquete a foto que publicamos à esquerda.

CALÇADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

PASSEI, há dias, pelo Campo Grande. Esplêndida manhã de sol que me fêz lembrar, numa suave evocação, certa página em que o romancista da Paixão de Maria do Céu nos descreve o que eram, há trinta anos, em pleno Campo Grande, as lindas manhãs de inverno! As segundas e quintas, se estava sol, já se sabia: nas alamedas davam-se rendez-vous algumas dezenas de amazonas e de cavaleiros que passeavam nos seus cavalos pur sang pelas duas avenidas silenciosas, ou se apeavam em frente do chalet das Canas, com a chibata debaixo do braço, para jogar frenèticamente o Diavolo. Era uma espécie de versão portuguesa do Bois de Boulogne ou do Hyde-Park. De que não havia dúvida era de que essas mesmas amazonas gentilíssimas e êsses mesmos cavaleiros de chapéu de feltro constituíam muito dessa Lisboa doirada que, às tardes, animava os chás elegantes do Hotel Internacional e, à noite, decorava os veneráveis camarotes de São Carlos, com os seus decotes e os seus sorrisos. As manhãs do Campo Grande passaram de moda como tantas outras coisas. Resta apenas delas uma crónica e num ou noutro olhar envelhecido, talvez uma pequenina lágrima de saüdade. E é tudo!

A GUERRA

OS jornais davam, há dias, estas duas notícias da guerra no Oriente. A primeira oriunda de Xung-King dizia que as guardas avançadas chinesas estavam perseguindo os restos do exército japonês derrotado na batalha de Xang-Xá; a segunda, oriunda de informações nipónicas, revelava-nos que o exército de Kung-King já não representava qualquer obstáculo à ofensiva japonesa como o demonstrou a gloriosa batalha em que Xang-Xá foi destruída.

Caso curioso: é, em regra, sôbre notícias desta harmoniosa consistência que traçam os seus planos os táticos de «cafés»!

DIÁLOGO MODERNO

MADAME X para a sua amiga Madame W, casada em Maio do ano último.

— Teu futuro filho quando chega?

— Não sei... Só sei é que êle saiu, há muito, de Paris...

ESPECTADORES

NUM certo teatro da província houve, ainda não há muito, uma récita de amadores que despertou um enorme interêsse local. A procura de bilhetes foi enorme e, a tal ponto, que na noite do espectáculo, prevendo-se um excesso de lotação foi afixado êste aviso à entrada do teatro:

«Previne-se o público de que as cadeiras são rigorosamente destinadas às senhoras, só podendo os cavalheiros utilizá-las depois das senhoras estarem sentadas».

POLITICA

A política, na expressão de Bergerat, é a arte de fazer aos outros aquilo que não queremos que nos fizessem a nós.

EXAMES

NUM exame do Instituto Industrial. Inquire o examinador:

— Para que serve o carvão, animal?

O examinando:

— Para refinar o açúcar, bruto!

O BRAGA, por um canudo

Representava-se num dos teatros do Brazil, em «première», a célebre peça «A volta ao mundo em oitenta dias». Em determinada altura, Erico Braga (que entrava na peça) surgia, em plena floresta, para salvar Philias Fogg. Tinha, segundo a rubrica, de disparar três tiros que matavam três índios. Os outros — cêrca de quarenta — fugiam, pálidos, desorientados, a tremer como varas verdes. Sucedeu, porém, que na noite da «première» o contra-regra esqueceu-se de indicar quais os três figurantes que deveriam fingir de mortos e, assim, no momento oportuno, quando o actor, empunhando a sua pistola, disparou os três tiros combinados, cairam, mortos, nada mais nada menos do que os quarenta índios que estavam em cena. Erico não se perturbou; fixou o público e exclamou numa galanteria, perante as estrepitosas gargalhadas da plateia:

— Perdoai, senhores, bater-me com tão poucos!

Esta anedota vale o melhor retrato. Erico Braga é isto mesmo. Actor, autor, tradutor, empresário, jornalista, verdadeiro «jongleur» de ideias e de palavras, o espírito de casaca, a ironia de luva branca, a fantasia de flor ao peito, é bem o homem amável, risonho, vagamente boémio, vagamente filósofo, que com três tiros mata quarenta índios pedindo desculpa, numa mesura, ao respeitável público — de não ter morto o dôbro...

Contar a vida de Erico Braga, desde a sua húmida meninice de fraldas até a invulnerável imortalidade do seu último sobretudo inglês, seria o mesmo que folhear alguns volumosos «albuns» de recordações — e de surprêsas. Na verdade, o que êle tem visto, as coisas que êle tem presenceado, as peripécias que lhe têm sucedido! Ali onde o vêem não é apenas uma conhecidíssima figura do nosso meio teatral; é o «Larousse» em carne e osso. Conhecendo meio mundo; relacionado com «toute la lyre» universal; tratando por tu reis e cardiais, homens de Estado e homens de letras, gente das artes e senhores das finanças, primas donas e donas-primas, não nos enganaremos afirmando que os Deuses e o diabo hão-de disputar um dia, a fio de espada, a glória de o ter em animador nos «reveillons» do céu — ou nos bailes de máscaras do inferno. O seu dinamismo não conhece limites, como se o accionasse uma central eléctrica. É um homem que não pára. Mesmo quando dorme — sonha; mesmo quando sonha — realiza. Agora é actor, logo empresário; hoje é diplomata, amanhã agente de publicidade; uma ocasião é vendedor de perfumes, outra — mestre de dança. No fundo, é o melhor «vivant» dêste mundo: um sorriso a êste, um cumprimento àquele, uma «blague» a todos. É o eterno Erico. É o «velho» Braga. Os homens aplaudem-no; as mulheres devoram-no. Só uma vez a sorte não lhe foi totalmente fiel: foi com a «Viúva Alegre». Mas há um pormenor que a justifica: a «Viúva Alegre» levou-o pelos cabelos...

OS MÉDICOS E A PATERNIDADE

PREGUNTARAM uma ocasião ao dr. Vancouver, professor da Faculdade de Medicina de Paris, porque se não casava.

Não hesitou na resposta:

— Porque aos médicos não compete aumentar a população...

ENTRE MÉDICOS CIRURGIÕES

PRIMEIRO cirurgião — Achas que eu posso levar a Fulano dez contos por uma operação de apendicite?

Segundo cirurgião — Espera. Fulano parece que descobriu, há dias, numa das suas propriedades, uma mina de volfrâmio. Se assim fôr, podes levar-lhe cinqüenta...

POESIA E «TRICOT»

A sr.ª D. Mericia de Lemos publicou agora um livro de versos que intitulou *Mar Interior*. A certa altura canta a poetisa:

«Não acabo o meu tricot...
...Já está pronto o meu poema...»

Não faltará quem, lendo êste livro, desejasse que a sua autora acabasse o *tricot* — e deixasse por acabar o poema!

DIZ-SE

DIZ-SE que uma das nossas mais jovens actrizes, atacada de uma vaga doença de coração, se encontra quási curada pelo processo — da homeopatia...

BELO REDONDO

ÊSTE nosso velho amigo e camarada escreveu em tempos uma revista para o *Apolo* sob o título *Perna de Pau*. O *D. Maria*, segundo se diz, representará, em breve, uma alta comédia da sua autoria — intitulada *Braço de Prata*.

CASAMENTO ELEGANTE

REALIZOU-SE a semana passada, em Lisboa, um casamento dos chamados elegantes. Algumas prendas que foram vistas na *corbeille* dos noivos: um quilo de açúcar; dois bacalhaus; meia costeleta de vitela; vinte e cinco gramas de carvão de coque; um colar de grãos de bico...

SEGREDOS

NO Pôrto respondeu, em tempos, um homem que fôra apanhado a tirar dinheiro dum cofre que prèviamente arrombara.

— Como foi que arrombou o cofre? — pregunta-lhe o juiz.

Logo o réu:

— Não posso dizê-lo a V. Ex.ª. Tenho de respeitar o segrêdo profissional!

O MARQUÊS DE SOVERAL

QUANDO Soveral foi ministro dos Estrangeiros, houve um incidente que ficou conhecido pela questão de Zanzibar. A propósito escreveu certo gazetilheiro êstes versos que agora pudemos ler:

Sabe-se que em Zanzibar
Fôra tudo pelo ar.
O Soveral escamado,
Não foi ouvido e achado.
Na expressão duma dôr franca
Tirou a polaina branca.
Enquanto o seu luto dura
Usará polaina escura.

Luís d'Oliveira Guimarães

LINHA DE HORIZONTE

PANORAMA INTERNACIONAL

Por FRANCISCO VELLOSO

VAI o inverno para seus meados e o perpassar da estação faz enristar enervamentos a quem tenha por incumbência ou devoção cerzir comentários aos eventos da guerra. Há animais que hibernam sob as chicotadas do frio. As potências em luta aproveitam a estação não para dormir, mas para se prepararem para a maior e mais violenta fase do seu duelo de gigantes.

Eis ao que continuamos a assistir, com redobrada atenção. Porque, como nunca, é preciso pesquisar por tôda a parte não só o significado orientador dos acontecimentos de maior relêvo, mas os próprios sintomas e sinais de outros ainda em formação, certo como é que cada um dêles ocupa desde já seu lugar no tabuleiro onde, durante êste ano e no próximo, o conflito há-de desatar-se, — a não sobrevirem factores sociais e económicos que sùbitamente, como em 1918, lhe apressem os desfechos.

WASHINGTON E O RIO

SUMNER WELLES

A conferência do Rio de Janeiro mantém-se à cabeça da série dos sucessos internacionais. Pràticamente, os trabalhos da grande assembleia diplomática — a maior que a América ainda viu e que, pela sua importância, se situa num dos ângulos vitais da história das transformações mundiais que esta guerra traz em gestação quási explosiva — ainda não saíram dos limites gerais em que aqui foram desenhados os seus preliminares.

Quási todos os dias, o excelente serviço que a *Havas* conseguiu dar à Imprensa deixa a impressão de colisões ou atritos, e através destas, a referida agência acentua *pro domo gallico*, que é como quem diz de Vichy, o ponto de vista culminante.

Na sessão inaugural em Petrópolis, no dia 15, a par do discurso do chefe do Estado brasileiro, cujo sentido político foi confirmado pela eleição do eminente chanceler Oswaldo Aranha à presidência da Conferência, Sumner Welles, ao contrário do que se bacorejara, pôs rotundamente o que os Estados Unidos desejam com tôda a fôrça da sua influência. «Os povos da América defrontam hoje o maior perigo que jamais os ameaçou desde o dia em que obtiveram a sua independência» — disse. E Hitler surgiu de catadura, assim evocado pelo representante norte-americano. O apêlo à união das nações americanas foi por êle lançado em nome e como conseqüência das resoluções das conferências anteriores de Buenos-Aires, de Lima e de Havana, a prol da segurança comum do chamado hemisfério ocidental, expressão geográfica que ainda está por conferir nos mapas. Ou a união na resistência ao Eixo ou a morte pela desagregação. E então atirou à arena a substância do seu discurso:

«Referindo-se depois ao papel da América do Sul na guerra, disse que os Estados Unidos não fizeram sugestão alguma às outras Repúblicas americanas quanto ao papel que deveriam desempenhar, mas o govêrno norte-americano exprimiu a sua satisfação ao verificar as medidas tomadas por certos países do hemisfério e a sua confiança de que nenhuma República americana permitirá que o seu território seja utilizado por agentes inimigos para conspirarem contra os Estados Unidos ou prepararem um ataque contra aquelas Repúblicas» — recordando o rompimento das relações comerciais dalgumas das Repúblicas americanas com as potências do «Eixo».

E logo concretizou: «É de importância capital que estas medidas se tornem mais extensivas a-fim-de impedir tôdas as transacções comerciais ou financeiras no interior do hemisfério que indirectamente beneficiem os agressores ou prejudiquem a defesa do hemisfério.» E passando das ideias aos factos, da tese à hipótese, Welles preconizou imediatamente que tôdas as possibilidades da navegação das duas Américas sejam mobilizadas para os transportes das matérias primas estratégicas. E fêz a oferta: «Os Estados Unidos comprometeram-se a proporcionar auxílio financeiro e técnico a tôda a parte onde seja necessário para avaliar as perdas prováveis para a economia doméstica de tôdas as Repúblicas americanas em resultado da eliminação de tôdas as actividades económicas estrangeiras necessárias para a defesa comum». Um organismo especial já fôra criado, no seio da Repartição da Coordenação da Produção, para facilitar a expedição dos pedidos provenientes dos Estados sul-americanos.

Eis o introito da Conferência do Rio. Sumner Welles traçara o programa geral dos seus objectivos. *Seus* dela e *seus* dêle e dos Estados Unidos.

O «EMBRÓGLIO» DA CONFERÊNCIA

GETÚLIO VARGAS

De facto, bem vistas as coisas, as negociações, as atitudes, os agrupamentos parcelares, os conciliábulos, ainda não desobedeceram à órbita riscada por Washington. Lendo-se com atenção as sinopses das múltiplas propostas apresentadas — e são às dezenas ao que consta — não é difícil rastrear na sua intrincada rêde ora o fio da tendência pan-americanista de Roosevelt e de Getúlio Vargas, sob o signo da Liberdade, da Moralidade e da Justiça — segundo as expressões do próprio Welles — ora o da tendência discrepante ou reticente que protelou a Conferência.

Entre um e o outro, ficam um feixe de notícias que assinalam em diversos países actos repressivos de polícia contra subditos e organizações alemãs, italianas e nipónicas (uma das unanimidades americanas, da qual sobressai o Brasil) e a interferência conjunta dos representantes das potências do *Eixo*, prevenindo, no Rio e nas capitais das Repúblicas, de que o corte de relações diplomáticas equivalerá e será considerado em Berlim como declaração de guerra. Era esta, efectivamente, a única manobra possível de pressão indirecta do *Eixo* sôbre os governos sul-americanos, e ela revela incontestàvelmente a importância que para Berlim, Roma e Tóquio pode ter uma decisão da Conferência que fechasse na América o aloquete do bloqueio económico, e portanto as portas de saída de abundantes provisões e matérias primas que a Alemanha ainda recebe daquelas partes do mundo.

Mas a leitura dos discursos introdutórios proferidos a 16 e 17 dúvida alguma deixam de que a questão de princípio, ou seja a solidariedade das Américas do Centro e do Sul com a do Norte como nação agredida pelo Japão, e conseqüentemente perante o *Eixo*, é facto adquirido. Também não há dúvidas de que já em campo prático, essa solidariedade se estabelecerá por meio de recíprocas coadjuvações das economias dos Estados. Mas os Estados Unidos, muito naturalmente, não estariam dispostos a conceder, senão em troca do resto e mais valioso: — a solidariedade política traduzida numa rutura de relações diplomáticas e comerciais com os países conduzidos por Adolfo Hitler. É aqui emperrou o debate diante de duas atitudes» — a da Argentina que deseja reservar a sua atitude contra o *Eixo*, e a do Chile que só transige desde que os Estados Unidos lhe dêem garantia de protecção naval para a defesa costeira da fronteira marítima que, sobretudo no sul, é cheia de reintrâncias e recortes, em clima pouco hospitaleiro. A 19 e 20, anunciava-se a solução do caso com o Chile. A 21, recondensavam-se os boatos de que tudo andava ainda impreciso e mutante, a sabor de conferências repetidas, nas quais, de dia para dia, (que nós, os portugueses, não o esqueçamos!) avulta a enorme importância da influência do Brasil, do seu presidente e do seu chanceler, que formam com Roosevelt e Cordell Hull o grande quadrado directivo da política pan-americana de hoje e de àmanhã.

A 24, finalmente, anunciava-se a resolução da Conferência sôbre a rotura com o «Eixo».

Por detrás disto desdobra-se o mapa militar da defesa estratégica das Américas que na do sul percorre um rosário a esbajoar-se pelas ilhas Galápagos, pelas Robinson, pelas da Páscoa, pelo Estreito de Magalhães, pela baía do Prata e pelas posições do Amazonas.

A INCERTEZA DO PACÍFICO

Enquanto assim ocorrem êstes sucessos (e até parece que à medida do seu progressivo relêvo), a guerra militar não evolue com paralela decisão. Continuamos, a êste respeito, em transes preparatórios. No Oriente, a 18, os nipões alcançavam, na sua descida ao longo da península de Malaca, os diques que a esta unem a ilha de Singapura. Chegavam a esta base reforços e reforços do império britânico. A luta tornava-se mais dura para os assaltantes nos dias seguintes. Tojo ia à Dieta fazer, a 21, um novo discurso político animador, cujos fulcros foram visìvelmente os de instar pela neutralidade russa e advertir, por desviadas expressões, o seu país de que o assalto a Singapura não pode ser coisa rápida e fácil. Nas Filipinas a ofensiva nipónica parece esbarrar com uma resistência a que chegaram novos meios, e Tojo logo promete como isco que as deixará independentes... sob as vistas de Tóquio, senhor da Ásia.

TOJO

O Japão chega naturalmente a uma altura em que é preciso parar para ver de que lado sopra o vento e observando que o tempo está a contar para os preparativos norte-americanos e inglêses, fita a Birmânia e a China. Na primeira, a Inglaterra descobriu a horas que o presidente do seu govêrno, U. Saw, marombava com o *Eixo*, e pô-lo a ferros, quando o japonês, cônscio dos apoios que lhe davam, investia sôbre as fronteiras birmanas, para deter o inimigo no ponto donde maior dano — no flanco e retaguardas da frente contra Singapura — lhe pode vir a fazer. Na China prossegue a reconstituição do exército, enquadrado num levantamento nacional que fêz do sudoeste do imenso país um laboratório de aprovisionamentos trabalhados como em formigueiro.

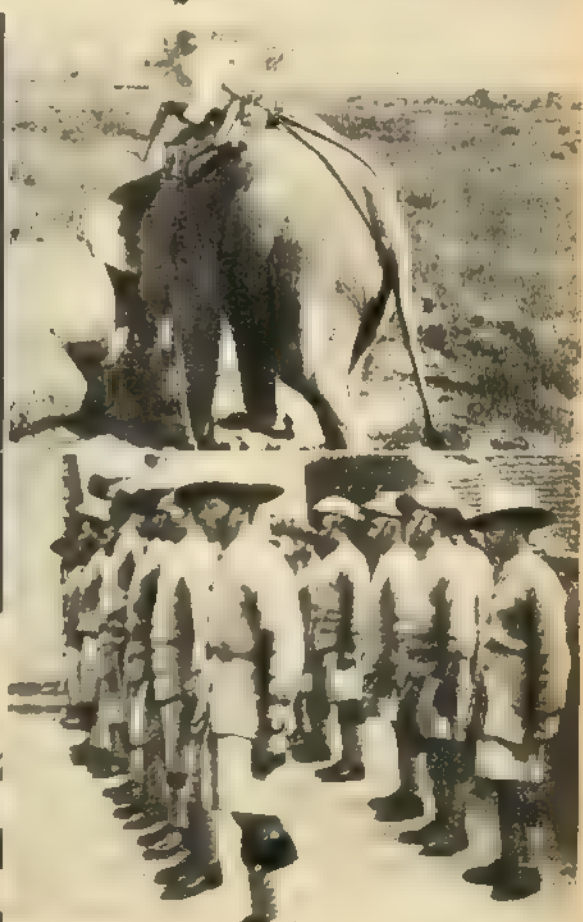
É visível em tudo isto a tomada de fôlego — quando o almirante Hart assume o alto comando da esquadra norte-americana e em Washington o presidente assenta com os chefes das fôrças em tôdas as armas, os planos defensivos e ofensivos.

Também no Oriente, como há pouco anotava um observador inteligente, o tempo da guerra relâmpago vai a passar. E afigura-se-nos mais depressa do que se imaginava.

FACTOS CONJUGADOS

BENES

A contrabalançar êste estado de coisas, apenas, de outro lado, se regista na Líbia a reconquista por Auchinlek dos três poderosos núcleos que Romell, segundo o exemplo ensinado luminosamente por Wawell ao criar Tobruk, deixara ao longo da costa egípcia em Halfaya, em Solum e em Bardia. Mas ou por necessidade de reatar o ritmo das comunicações, ou por

(Continua na pág. 16)

BIRMÂNIA

A BIRMÂNIA, possessão britânica do Extremo Oriente, tornou-se também num dos teatros da guerra mundial, desde que o Japão ocupou o Sião para operar contra a península de Malaca. Terra de civilização antiqüíssima, a Birmânia é um país de costumes curiosíssimos, de que apresentamos nesta página alguns aspectos. **Em cima**: O grande pagode de Rangum, inteiramente coberto de oiro puro. **À esquerda**: Uma mulher indígena com o pescoço cheio de argolas, sinal de «coqueteria». **À direita**: Os elefantes da Birmânia empregados em trabalhos violentos: uma formação de soldados da guarnição local agora em luta com os japoneses.

HITLER comandante chefe de todos os exércitos do Reich

ASCENDENDO A DIRECÇÃO GERAL DAS OPERAÇÕES MILITARES, após o afastamento do Marechal Von Brauschitsch, o Chanceler do Reich orienta agora tôda a condução da guerra. Vêmo-lo aqui, no seu Quartel General da frente russa, com um dos oficiais do Estado Maior indicando no mapa as posições dos exércitos alemães.

Imagens da ITALIA na guerra

EM CIMA: A multidão aglomerada na Praça Venesa, em Roma, aclama entusiàsticamente o «Duce» depois da declaração de guerra aos Estados Unidos. AO CENTRO: Depois dum cruzeiro de guerra, os tripulantes dum submarino italiano recebem, com satisfação, a sua correspondência. — Tropas italianas nas linhas avançadas do norte de Africa. EM BAIXO: O general Messe condecorando com a medalha «Al Valore» os soldados da divisão «Pasubio», em operações no sector do Donetz, na Rússia.

A GUERRA NA RÚSSIA

Pelo tenente-coronel Lello Portello (Continuação da pág. 13)

As fôrças estrangeiras eram as seguintes:

— 1.° corpo de Davout — 9.000 homens de Meclemburgo, de Hesse, de Bade, da Espanha e da Polónia;
— 2.° corpo de Oudinot — 1.600 portugueses, 1.800 croatas e 7.000 suíços;
— 3.° corpo de Ney — 3.000 portugueses, 3.000 ilirenses e 14.000 Wutemburgueses;
— 4.° e 6.° corpo do príncipe Eugénio — 1.700 croatas, 1.200 espanhóis, 2.000 dalmatas, 20.000 italianos e 12.000 bávaros;
— Reserva de cavalaria do Marechal Murat — 1.400 prussianos, 600 wutemburgueses, 1.100 bávaros, 2.000 saxões e 6.000 polacos e westfalianos.

Além destas fôrças enquadradas e dispersas em unidades francesas havia que considerar:

30.000 austríacos debaixo das ordens do príncipe Schwartzenberg e 30.000 prussianos debaixo das ordens do marechal Macdonald.

Estas duas fôrças constituíam a massa principal dos corpos de exército encarregados da cobertura dos flancos — Schwartzenberg na Volhynia e Macdonald na embocadura do Niemen.

Como se verifica, dos 450.000 homens que entraram na campanha da Rússia cêrca de 160.000 são aliados.

Resta saber o valor da solidariedade dêstes aliados.

e) Estado de espírito

Antes de iniciar a invasão, houve grande recepção em Dresde, dada por Napoleão a todos os seus aliados.

Desde Abril que as fôrças francesas acantonadas na Alemanha, e as fôrças dos diversos príncipes da confederação germânica, reünidos em volta da bandeira de Napoleão, marchavam sôbre a Polónia, base de partida da invasão.

A côrte imperial deixara Paris em 9 de Maio. O Imperador e a Imperatriz eram aguardados em Dresde pelo imperador da Austria, sogro de Napoleão, e todos os príncipes da confederação do Reno, «atraídos, uns pela esperança de verem aumentados os seus Estados, outros pelo temor de desagradar ao árbitro dos seus destinos. Entre os reis, o único ausente era o rei da Prússia, porque, não fazendo parte da confederação do Reno, não tinha sido convocado para esta reünião e não ousava apresentar-se ali sem a autorização de Napoleão. Êle fêz solicitar humildemente esta autorização, e, desde que a obteve, apressou-se a vir aumentar a multidão dos soberanos que se tinham dirigido a Dresde para fazer a côrte ao todo-poderoso vencedor da Europa.» (Memórias do general Marbot).

«Os protestos de fidelidade e de dedicação que então foram prodigalizados a Napoleão entonteceram-no.» (Marbot).

Quem havia de dizer, após tais demonstrações, que poucos meses mais tarde, os prussianos abandonavam Macdonald e ligavam-se aos russos, que os austríacos abandonavam também o imperador todo-poderoso, e que os soldados dos príncipes federados haviam de atacar, em Leipzig, os camaradas ao lado de quem combateram até ali!...

f) Efectivos e desgaste

Deve-se fazer notar que Napoleão possuía então cêrca de 1 milhão e 300 mil homens em armas, dos quais cêrca de 600.000 estavam em Espanha e os restantes ocupavam as bases da Europa e os países anexados ou controlados pela França.

Os russos tinham em armas cêrca de 160.000 homens com que fizeram a campanha até Moscovo.

Quando aqui chegaram, tinham perdido em combate e por doenças cêrca de 90.000.

Lançaram-se, porém, na perseguição de Napoleão, na sua retirada de Moscovo, já com um exército de 180.000 homens.

Napoleão abandonou Moscovo com uma fôrça de 110.000 homens e quando alcançou o Vistula restavam-lhe apenas uns escassos 36.000.

Perdeu em combate cêrca de 80.000, os restantes foram vítimas do inverno.

Agora torna-se curioso indicar a composição actual dos exércitos germânicos e seus aliados.

As cifras que se apresentam não são rigorosas, pois só mais tarde se conhecerão com exactidão.

Parece, porém, que a ordem de grandeza, fornecida por várias fontes de informação é aproximadamente a seguinte:

Germânicos	200 divisões
Finêses	16 »
Romenos	22 »
Italianos	12 »
Húngaros	[illegible] »
Eslovacos	2 »
Espanhóis	1 divisão
Franceses	1.200 homens
Wiking (escandinávios)	3.000 »

Quere dizer: cêrca de 63 divisões estrangeiras para 200 alemãs.

Napoleão tinha 160.000 estrangeiros para 390.000 franceses.

Em 1812, os flancos eram ocupados por uma grande massa de prussianos ao Norte, e de austríacos a Sul; em 1941, os flancos são ocupados por uma grande massa de finêses a Norte e de húngaro-romenos a Sul.

Por aqui se verifica que a percentagem de fôrças estrangeiras e o dispositivo de batalha, em 1812 e em 1941, são extraordinàriamente semelhantes.

O futuro elucidar-nos-á sôbre a fidelidade e dedicação dos aliados de agora, para se poder confrontar com os de então.

B) CONDUTA DAS OPERAÇÕES

Em 1812, os russos praticaram a táctica seguinte:

1.° Acção retardadora, abandonando espaço até à chegada do inverno;
2.° Devastação das regiões abandonadas, destruição dos meios de vida;
3.° Fustigamento das retaguardas e guerra de guerrilhas;
4.° Guerra de desgaste até produzir o desequilíbrio de fôrças;
5.° Contra-ofensiva no inverno, até obter a expulsão do invasor do território nacional.

Até agora verifica-se que:

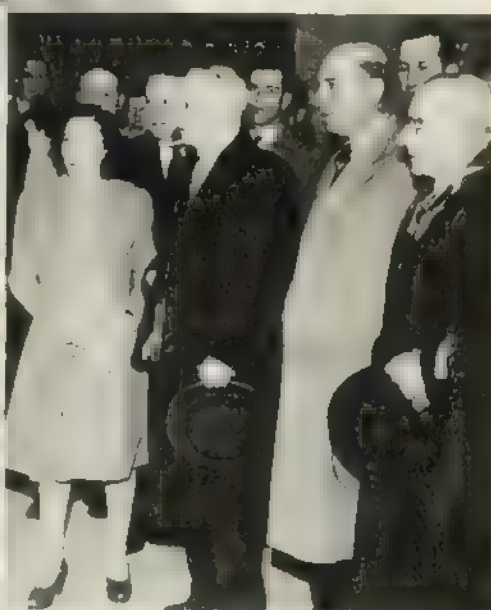
1.° Os russos procederam a uma retirada até posições que tinham já organizado em frente de Moscovo, há muitos mezes, onde se deteve o avanço alemão;
2.° Utilizaram as armas da destruïção e devastação e a guerra de guerrilhas em alta escala;
3.° Introduziram a evacuação das populações válidas, o que não tinham feito em 1812, podendo assim recuperar combatentes, trabalhadores e operários;
4.° Iniciaram a contra-ofensiva, aproveitando a ajuda do seu velho aliado, o general Inverno, de quem tanto se escarneceu.

O desenrolar das operações em curso fazer-nos-ão em breve sôbre o valor desta atitude.

Por agora parece existir um certo paralelismo entre as duas campanhas. O seu resultado dependerá, de facto, dos dois elementos novos sôbre os quais não é possível, por enquanto, definir-se uma opinião e que são: **a diferença entre os génios militares do Fuhrer e de Napoleão** por um lado, e a fidelidade e homogeneidade dos aliados por outro.

Vida PORTUGUESA

OS OFICIAIS que constituem a missão militar portuguesa que foi visitar o Marrocos espanhol, à partida do aeródromo de Sintra.

UM ASPECTO da festa realizada no Grupo Infantil Oliveira Canelas

O CHEFE DO ESTADO inaugurando a exposição da pintora

O DR. GIUSEPPE ROSSI fazendo no Instituto de Cultura Italiana a sua conferência sôbre «A Lírica no Amor de Dante».

A DIRECÇÃO DA CASA DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO apresentando cumprimentos no palácio de Belém ao sr. general Carmona

LINHA DO HORIZONTE

(continuação da pág. 10)

cansaço dos adversários, a batalha sustou-se em Jedabia, já reconquistada. De Berlim clamam: — prosseguiremos. Cunningham continua no mar em primeira linha, mas a braços com maior número de submarinos inimigos cuja acção levanta constantemente com ímpeto de sobressaltos a questão da posição de Vichy, mòrmente quando há um tentame de reconstituïção de um exército de quadros e uma recomposição da armada. A essa atitude e às relações com Berlim deve ser reportado o facto da demissão ou degola de 42 generais.

A par do que acontece na Líbia, é de colocar por contraste o prosseguimento da reacção russa que, iniciada por sectores isolados começa a tomar foros de contra-ofensiva estratégica depois da reconquista de Mojaisk visando a Smolensko, mais pelo norte às fronteiras dos Estados Bálticos, e no sul à libertação da Crimeia, empenho êste que Timochenco acompanha ao longo da frente do Donetz e do Mar de Azov. A imprensa alemã não hesita em aconselhar prudente atenção para esta campanha que a anterior e a dureza do pino do inverno tornam evidentemente agreste. Assim o significa, por exemplo, *Sartorius* no *Berliner Boersenzeitung*.

Que novos horizontes nos reserva, porém, o leste europeu?

Marquemos também, neste sector da gigantesca batalha do Mundo, uma soma de sinais, bem que dispersa, a preparar-nos os espíritos: — a coligação grego-jugoeslava feita em Londres e o reagrupamento que Benés cerziu no exílio.

NA FORJA ALEMÃ

HITLER

Diante dêste traçado geral de posições, a Alemanha também por sua vez mete à forja os seus poderosíssimos instrumentos de combate, para lhes dar novas têmperas. Um esfôrço titânico desdobrou a população trabalhadora das fábricas de guerra para os campos e, segundo tôdas as informações, a nova colheita foi feita vitoriosa e farta. Contra as nucleações balcânicas atrás apontadas, constroi em Budapeste a base dum outro agrupamento. Faz com a Itália e o Japão, no dia 18, a revisão dos planos totais do *Eixo*, com uma divisão de fôrças em acção nos diversos teatros da guerra, em novos planos para o futuro próximo, que constituem o texto de uma convenção militar que regula as questões pendentes e prevê outros problemas que a condução da guerra suscitou e fará aparecer. Depois da reforma de comandos conseqüente da assunção militar de Hitler (e deve acentuar-se a morte por apoplexia de von Reichenau que bem revela como a guerra devora generais), os chefes dos exércitos e da armada conferenciam. Von Keitel é enviado à Hungria. Riccardi apalavra com Raeder. E o dr. Funk repinta em discurso as côres geográficas e económicas do seu novo plano.

...Assim, depois de dois meses de agitações profundas, surgia o maior conflito da história quando Winston Churchill regressou a Londres, entre nevoeiros, aclamações e boatos de recomposição ministerial do gabinete de guerra.

VARIEDADES

PROBLEMA N.º 10

Dr. Bigoau

HORIZONTAIS: 1 — Silenciosos; Conceder. 2 — Ditara; Ali; Abres. 3 — Adoravam; Encontra; Senzala. 4 — Matar; Percebera; Rodear. 5 — Rezas; Companheiro; Senhora. 6 — Atrás; Penhasco; Resulta. 7 — Este; Exquisita, Nome de mulher. 8 — Dedicar; Unico; Contunde. 9 — Não ter; Barateia. 10 — Pálida; Graciosas. 11 — Mentira; Circulo; Nivelas. 12 — Altar; Cinta; Senhor. 13 — Gratificar; Faúlha; Vale. 14 — Sobrepôr; Borboleta; Leito. 15 — Pátrio; Girare; Habitam. 16 — Sêcos; Lama; Argentário. 17 — Algazarra; Carregas. 18 — Ramalhudos; Amparar.

VERTICAIS: 1—Cortejar; Desordem. 2 — Agárrara; Aqui; Enfeitar. 3 — Uniras; Senhora; Costume. 4 — Fossos; Arrancara; Redram. 5 — Irritar; Mortificara; Degradação. 6 — Tão; Esfarrapa; Desertos. 7 — Cabelos brancos; Armadilha; Porquê. 8 — Segurar; Batràquio; Direcção. 9 — Multidões; Conjuges. 10 — Pompa; Entretida. 11 — Lavrara; Atmosfera; Sujo. 12 — Nome de mulher; Pôr abas; Ajeita. 13 — Amargo; Pegas; Modo. 14 — Sair; Pesados; Defendi. 15 — Caudas; Entanguir; Batam. 16 — Enraivecidos; Ligas; Aterrara. 17 — Roera; Art. definido plural; Afastar para o mar largo. 18 — Granizo; Estilos.

Vida Mundial Ilustrada

JOSÉ CANDIDO GODINHO
Director
JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Garrett, 80, 2.º—Lisboa—Tel. 25844

CONDIÇÕES DE ASSINATURA
Continente e Ilhas: 3 meses (12 números): 11$00; 6 meses (24 números); 22$00; 12 meses (48 números): 43$00. África: 12 meses (48 números): 60$00. Estrangeiro c/convenção: 12 meses (48 números): 65$00; estrangeiro s/convenção: 12 meses (48 números): 80$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da) — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS em Portugal e Colónias: Agência Internacional, R. de S. Nicolau, 19, 2.º - Tel. 26942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O HOMEM QUE SE ESQUECERA DE TIRAR O CHAPEU NO CINEMA — *História sem palavras por Stuart Carvalhais*

A reeleição presidencial

O SR. MINISTRO DO INTERIOR partiu há dias de Lisboa a fim de efectuar uma viagem pelos diferentes distritos do País, na sêde dos quais se tem reünido com as autoridades administrativas e outras entidades, afim de trocar impressões sôbre o acto eleitoral que deve reconduzir o sr. general Carmona à Presidência da República no prolongamento do seu mandato. Durante a sua viagem, o sr. dr. Mário Pais de Sousa tem pronunciado notáveis discursos exaltando a figura do Chefe do Estado. À esquerda, vemos o sr. ministro do Interior em Braga, antes da realização da sua conferência, rodeado das autoridades locais. Em baixo: Uma foto cuja publicação tem agora flagrante oportunidade. O sr. general Carmona, de regresso duma das suas triunfais viagens ao norte do País, acompanhado do sr. dr. Mário Pais de Sousa, é delirantemente aclamado pelo povo.
(Foto F. Marques da Costa)

A ESFERA MISTERIOSA

Grande romance policial do escritor americano Max Felton

Especial para "Vida Mundial Ilustrada"

(Continuação dos números anteriores)

CAPITULO VI

A SOMBRA DE UMA MULHER

CHARLES Read estava tão absorto em seus pensamentos, ao apear-se de um «taxi» junto da monumental escadaria do palácio do milionário, que nem sequer sentiu a timidez da véspera. Despediu o «chauffeur» maquinalmente e subiu os degraus a trote, quási embatendo com um vulto que saía nesse momento.

A voz de John King despertou-o, fazendo-o voltar tão sùbitamente à realidade, que ainda tardou um momento em responder ao milionário.

— Onde ia você com tanta pressa? — inquirira êste último, estranhando o aspecto do «detective».

Num relâmpago, perpassou pela mente de Read a conveniência em ocultar as verdadeiras razões da sua visita. Por isso, improvisou uma resposta que despistasse o milionário.

— Vinha precisamente procurá-lo, «mister» King — disse êle. — O assunto ainda não ficou suficientemente debatido ontem à noite...

— Como lhe disse, estou sempre às suas ordens para todos os esclarecimentos possíveis — redarguiu John King. E hesitando no alto da escadaria: — Eu ia agora assistir a uma reünião importante... Mas posso dispor de alguns minutos para o receber...

Charles Read pensava na melhor maneira de se desembaraçar daquele estôrvo que o impedia de falar quanto antes a «miss» Maud.

— Mas, se «mister» King tem onde ir, eu não me importo de esperar o seu regresso... — lembrou êle.

— Homem, isso não faz sentido... Você para aí, aborrecido à minha espera — pronunciou King. — Venha comigo no meu carro. Iremos devagar, conversando pelo caminho. Deixá-lo-ei depois onde você quiser.

Charles Read não podia teimar em ficar no palácio do milionário, durante a ausência dêste, o que levantaria suspeitas. Teve que achar óptima a ideia e entrar, com John King, no luxuoso carro, que já os esperava em baixo, junto da escadaria monumental.

— Vai seguindo devagar para Brooklyn — ordenou o milionário ao «chauffeur».

Entretanto, Read cogitava no que havia de preguntar-lhe. Havia muitos pormenores a conhecer, mas êsses sabia êle que o industrial não estava disposto a revelar. Para salvar, porém, o motivo daquela visita, o melhor seria precisamente insistir no que King não podia ou não queria confessar.

— «Mister» King — disse êle, decorridos alguns instantes, — creio que já reconheceu quão escassos são os elementos que me forneceu para trabalhar.

— Já dei ordem ao meu empregado para ir levar-lhe hoje um cheque...

— Não me refiro a dinheiro! — interrompeu o «detective», com vivacidade.

— Nesse caso...

— Refiro-me ao furto da esfera — continuou Read. — O dinheiro, neste momento, é o que menos conta. — Lançou-lhe de soslaio, um olhar inquiridor, e, notando-o bem disposto com as suas palavras, prosseguiu: — O que conta agora é o aproveitamento de todos os indícios que possam conduzir-me a uma boa pista. É isso que mais me importa. E é isso, infelizmente, o que mais me falta.

Fêz uma pausa, continuando a espreitar no rosto de King o efeito das suas palavras.

— Um dos pontos que muito contribuiria para me esclarecer, porque talvez aí esteja uma boa pista, é a origem da esfera de aço.

Calou-se.

— Não compreendo bem onde o senhor quere chegar — pronunciou, em tom grave, o milionário.

— Quem lhe vendeu a esfera de aço? — inquiriu de súbito o polícia.

King abriu o rosto num sorriso irónico e retorquiu:

— Devo adverti-lo, meu caro Read, de que eu sou o queixoso e não o presumível ladrão da esfera. O senhor interroga-me como se eu fôsse uma pessoa suspeita. Ora eu é que o encarreguei das investigações.

Read refreou um movimento de impaciência e redarguiu, levemente agastado:

— Se «mister» King acha que me excedi ou que não estou conduzindo o meu trabalho a seu contento, só me resta abandonar o assunto. O senhor pode procurar outro «detective» mais experiente do que eu. O caso deixa de me interessar.

— Bem, não levemos as coisas para o trágico — acudiu o milionário, num tom conciliador. — Há, neste assunto, uma parte que deve considerar-se intangível, porque pertence exclusivamente ao meu foro íntimo. Sempre que o senhor, embora na melhor das intenções, pretenda violar êsse segrêdo, eu defendo-me, opondo-lhe a minha reserva ou o meu silêncio. Se o senhor estivesse na minha situação, tenho a certeza de que procederia como eu.

— Mas não me pode dizer quem lhe vendeu a bola de aço? — inquiriu o «detective».

— Não devo dizer-lho — respondeu prontamente o milionário. — Aliás, a revelação do antigo possuidor nada adiantava para as investigações.

— É o que parece ao senhor — retorquiu vivamente o polícia. — Talvez eu encontrasse uma pista nessa pessoa.

— A pista dessa pessoa — disse King com um sorriso indefinido — só o conduziria ao Outro Mundo.

Read permaneceu silencioso um instante. Aquela resposta abriu à sua intuição um horizonte sombrio. Arreigou-se-lhe uma terrível suspeita sôbre aquele cavalheiro imensamente rico, que comprara uma simples esfera de aço por seiscentos mil dólares, a uma pessoa que talvez pagasse com a vida algum hediondo segrêdo. Teve a impressão clara de que o milionário queria utilizá-lo como simples instrumento inconsciente de investigação, espécie de gazua apta a abrir uma porta de tesouraria e que, realizada a tarefa, não conserva memória do que fêz.

Quantos crimes não teria já custado aquela esfera misteriosa que o industrial tanto se empenhava em rehaver? Que tenebrosos segredos não constituiriam o sombrio rasto daquela bola, que vinha rolando em mistério através do mundo?

Charles Read pensou que, para triunfar em assunto tão tenebroso, não tinha outro caminho a seguir senão marchar direito ao fim, sem consideração pelo próprio King, que era, já não o podia duvidar, a pessoa que maiores suspeitas lhe devia inspirar.

Resolveu então modificar aparentemente a sua atitude e proceder com a maior prudência. Uma voz secreta parecia avisá-lo de que arriscaria a sua vida se penetrasse demasiado no segrêdo que envolvia a esfera de aço. O milionário pretendia apenas que êle encontrasse êsse objecto furtado e tivesse os olhos fechados àcêrca do valor que representava. Faria todo o possível por mantê-lo nessa ilusão, muito embora, à sucapa, fizesse investigações de interêsse puramente pessoal, só para satisfazer a sua grande curiosidade.

Mansamente pronunciou:

— Já não pertence ao número dos vivos a pessoa que lhe vendeu a esfera?

— Morreu há anos — respondeu sêcamente John King.

— E depois dessa pessoa morrer, o senhor ainda conservou por muito tempo essa esfera em seu poder?

— Sim, alguns anos... — murmurou o milionário.

— A morte dessa pessoa não se relacionou com a esfera...

— Creio que não — respondeu King.

— E quem lha vendeu era homem ou mulher? — inquiriu o «detective».

John King hesitou ligeiramente na resposta. Por fim, disse com firmeza:

— Mulher.

Houve um prolongado silêncio.

Cautelosamente, o polícia voltou à carga.

— «Mister» King, se por acaso eu invadir inadvertidamente terreno proibido, avise-me imediatamente.

— Não é preciso que o senhor mo recomende — redarguiu irònicamente o milionário.

— É melhor assim, para nos entendermos... — proferiu o «detective». E prosseguiu: — A mulher que lhe vendeu a esfera de aço conhecia o valor que o senhor lhe atribuia?

— Certamente. De contrário, não me teria levado tanto dinheiro.

— E o senhor conhecia essa mulher há muito tempo?

— Sim. Conheci-a uns anos antes dessa transacção.

— Conhecimento profundo ou superficial?

— Mas isso é um interrogatório em forma, no qual não vejo grande utilidade para si, meu caro Read! — pronunciou o milionário, de bom humor. — Mas, enfim, satisfaço-lhe a curiosidade, pedindo-lhe simultâneamente segrêdo sôbre a minha resposta: essa mulher era minha amante.

A expressão do polícia ensombrou-se um pouco. Êste pormenor não devia ter escapado ao milionário, que acrescentou:

— Esta confissão deve ficar entre nós. O senhor compreende... Sou casado. Minha mulher é um pouco ciumenta...

Read concordou com um movimento de cabeça e inquiriu, baixando a voz, como se receasse que o «chauffeur», embora isolado por uma grossa vidraça, o pudesse ouvir:

— Não! Deixemos êsse subterfúgio...

— E continuou a ser sua amante depois da transacção da bola de aço?

— Sim, por algum tempo ainda.

— E ainda estavam em boas relações quando ela morreu?

— Ainda.

— E a morte foi...

— Natural. Uma síncope cardíaca. Ela sofria do coração — apressou-se o milionário a responder.

Houve uma pausa. Uma pregunta bailava no cérebro do «detective» que hesitava em a formular. Mas êle já readquirira todo o império sôbre si mesmo. A presença do milionário deixara de o intimidar. Uma fria audácia ia tomando o seu ânimo. Foi, pois, com serenidade e firmeza que preguntou:

— Gostaria de saber o nome dessa mulher. Pode dizer-mo?

— Prefiro não lho dizer — respondeu King, com idêntica serenidade. — Deixemo-la em paz, na terra da Verdade.

— Respeito a sua reserva — disse Charles Read. — Não quis melindrá-lo com a minha pregunta.

Lançou um olhar para fora do carro. Aproximavam-se da ponte de Brooklyn.

— «Mister» King — disse êle — convinha-me ficar por aqui. Tenho uma diligência a fazer nas proximidades e aproveito êste ensejo.

— Perfeitamente — proferiu o milionário. — E quando nos tornaremos a ver?

— Creio que muito brevemente — disse o polícia.

John King deu ordem ao «chauffeur» para se deter. Charles Read abriu a portinhola e saltou lestamente em terra.

— Então, até breve — disse King, apertando-lhe a mão.

— Até breve — respondeu o «detective».

— Oxalá me leve boas notícias na sua próxima visita.

O carro rodou sob o olhar do «detective» até se perder na confusão do trânsito.

Charles Read quedou um largo momento pensativo, como que pregado na beira do passeio.

De súbito, vendo passar um «taxi» vazio, mandou-o parar e, atirando-se para o assento, bradou:

— Décima Avenida.

Charles Read sentia-se ansioso por chegar ao palácio do milionário. Havia uma certa desordem nos seus pensamentos, que a enorme impaciência que o tomava ainda mais agravava. Uma mulher! Existia uma mulher envolvida naquele mistério, uma amante de John King. Que espécie de mulher seria essa? Porque vendera ela ao milionário a tal esfera de aço por uma quantia tão avultada? Que a sua morte não tinha a menor relação com a existência da esfera, afirmara o milionário. Mas o que êle dizia não era uma escritura. A convicção do «detective» era absolutamente oposta. Alguma coisa já sabia: uma mulher fôra possuidora de uma esfera de aço, certamente valiosa pelo seu conteúdo, e vendera-a a John King por seiscentos mil dólares, e depois morrera, levando para o túmulo um segrêdo. Talvez a matassem para não o revelar. O caso começava a apresentar uma feição tenebrosa, que empolgava o polícia.

Que espécie de mulher seria essa? Estaria King na disposição de entrar em pormenores sôbre êsse assunto? Read achava que êle devia guardar uma grande reserva. Talvez naquele momento já estivesse arrependido de ter revelado a existência dessa mulher. Quem seria ela?

Charles Read pensava que talvez não fôsse mau caminho descobrir alguém que conhecesse essa mulher na intimidade. Mas quem saberia da ligação do milionário com essa amante? De certo haveria alguém; mas quem? Como encontrar, numa cidade de sete milhões de habitantes, uma pessoa que conhecesse a amante de John King? Êste mantivera com certeza essa ligação num grande recato, para evitar qualquer complicação com «mistress» King.

A paragem súbita do «taxi» interrompeu-lhe as cogitações. Estava novamente perante a escadaria monumental. Subiu-a ràpidamente. Mas desta vez desaparecera por completo a sua timidez. A sumptuosidade do ambiente já não produzia no seu espírito a menor depressão. Com grande à-vontade e segurança de voz, disse ao criado:

— Diga a «miss» Maud que está aqui Charles Read.

O criado, porém, já devia ter recebido qualquer ordem de sua ama, porque o conduziu imediatamente à sala de visitas, onde estivera na véspera, dizendo-lhe:

— «Miss» Maud não deve tardar. Queira fazer a fineza de esperar uns momentos.

Read esperou. Mas o requintado mobiliário da sala já não lhe causou impressão. Estava tão absorto que nem reparava no que existia em tôrno. Preguntava a si mesmo o que saberia a rapariga àcêrca do mistério que tanto o preocupava. Pretenderia «miss» Maud falar-lhe apenas de algum roubo insignificante praticado em qualquer fábrica do pai ou desconfiaria da verdadeira natureza das suas investigações?

Maud não se fêz esperar, como o criado dissera. Poucos minutos decorridos, surgia sorridente e amável, estendendo ao «detective» a sua mãozinha delicada.

— Demorou-se mais do que prometeu — disse ela, em tom de graciosa censura. — Olhe que por um minuto pode perder-se uma fortuna.

— A culpa não foi minha — desculpou-se Charles Read. — Encontrei seu pai à entrada da porta. E como não sabia se devia explicar-lhe o verdadeiro motivo da minha presença aqui, resolvi dizer-lhe que era a êle quem vinha procurar.

— Fêz bem — disse Maud. — O senhor parece que tem um dedo que adivinha. Na verdade, não me convinha que êle soubesse que eu lhe queria falar em particular. Pelo menos, por enquanto...

E indicando-lhe uma cadeira, acrescentou:

— Sabe que o seu ajudante já me telefonou a preguntar por si?

— Sim?! — estranhou o polícia.

— Queria falar-lhe com urgência e estranhou que o senhor ainda não tivesse chegado.

Read ficou um pouco intrigado. Se não houvesse alguma novidade importante, Jack Harman não se atreveria a telefonar-lhe.

— Dá-me licença que eu faça uma ligação para o meu escritório? — pediu o «detective».

— À sua vontade — aquiesceu Maud, indicando-lhe o aparelho, que se via em cima da mesa Luiz XV.

Charles Read fêz rodar o disco.

— Alô?... Jack Harman? — pronunciou êle.

— ...

— Aqui, Read. Há alguma novidade?

— ...

— Quem é?

— ...

— E que pretende?

— ...

— Mas está muito integrado no assunto?

— ...

— Dize-lhe que volte mais tarde. Agora não estou disponível. Nem sei quando estarei de volta.

— ...

— Isso é que é paciência! Pois bem que espere. E tu vê se lhe arrancas alguma coisa de interessante, sem êle se aperceber.

— ...

— Até logo.

Descansou o auscultador e ao levantar os olhos deu com os de Maud muito fixos, como se quisesse adivinhar o que Harman lhe dissera.

Charles sentou-se de novo, perante a jóvem, cuja beleza admirou de relance, pois na véspera mal ousara fixá-la, e disse:

— Estou inteiramente ao seu dispor, «miss» Maud.

A filha do milionário parecia hesitante na maneira de principiar. Charles quis ajudá-la.

— Sabe então alguma coisa do furto praticado na fábrica? — pronunciou êle, olhando-a com insistência.

Ela corou levemente e, por fim, como se fizesse um esfôrço sôbre si mesma, proferiu em tom de confidência:

— É melhor pormos cartas na mesa e fazermos jôgo franco... O senhor foi incumbido por meu pai de um assunto melindroso e estranho.

Read franziu o sobrôlho mas não preencheu a pausa que Maud fêz, por um instante. Ela então disse, em tom sacudido:

— Eu conheço o assunto...

— O furto na fábrica?

Maud esboçou um ligeiro gesto de enfado e respondeu:

— Não! Deixemos êsse subterfúgio. Refiro-me ao caso da esfera de aço.

Charles Read conteve um movimento de comoção e, chegando um pouco a cadeira para a frente, murmurou:

— «Miss» Maud sabe alguma coisa dêsse misterioso assunto?

— Sei — pronunciou ela, em voz firme.

E a expressão de gravidade que se desenhou no seu rosto pareceu torná-la mais bela.

(Continua)

QUEM ROUBOU? ONDE ESTÁ? QUE CONTÉM?

Os leitores de «Vida Mundial Ilustrada» e do nosso folhetim policial «A Esfera Misteriosa» vão ter uma oportunidade para pôr à prova as suas qualidades de sagacidade e perspicácia.

Acompanhando a leitura da obra de Max Felton, todos podem tomar parte num curioso concurso. Basta que, até ao dia 31 de Março nos mandem, em carta fechada, as respostas a estas três preguntas ligadas com a acção do romance:

1.º — Quem roubou a esfera misteriosa?

2.º — Onde está a esfera misteriosa?

3.º — Que contém a esfera misteriosa?

Os leitores que acertarem com as respostas ficam habilitados a três prémios, a atribuir da seguinte maneira:

1.º prémio — À quem acertar com as três respostas.

2.º prémio — À quem acertar com as respostas a duas das preguntas.

3.º prémio — À quem acertar com a resposta a uma das preguntas.

Os prémios são constituídos por romances do género policial e de aventuras dos melhores autores do género em todo o Mundo. Os leitores a quem êles couberem — e que são, certamente, entusiastas de tal aspecto da literatura — ficarão, dêste modo, com a sua biblioteca extraordinàriamente enriquecida.

As respostas às três preguntas podem, como dissemos, ser-nos enviadas desde já. Mas como os leitores têm possibilidade de o fazer até ao dia 31 do mês próximo, podem ir lendo o folhetim para, em novos capítulos, adquirir melhores elementos que os habilitem a respostas acertadas.

O JOVEM REI iugoslavo, exilado em Londres, volta de novo à actualidade internacional por motivo do pacto assinado entre a Grécia e o seu país estabelecendo para o futuro o princípio duma federação. Esta foto do rei Pedro mostra-o com sua mãe durante uma cerimónia oficial em Londres.